PALAVRÕES AOS GRÃO-MESTRES

Kennyo Ismail

Introdução

O título deste artigo, "Palavrões aos Grão-Mestres", foi escolhido, obviamente, pela sua capacidade atrativa. Porém, o emprego do termo "palavrões" no título não se refere ao significado mais usual, de "palavras obscenas ou grosseiras"[1], mas sim no sentido de "termo empolado"[2]. E nesse caso, para ser mais claro, "empolado" no sentido de pomposo. Ou seja, o artigo trata dos axiônimos, termos corteses de tratamento e reverência utilizados ao se dirigir a um Grão-Mestre, também conhecidos como pronomes de tratamento.

Essa é uma questão intrigante na Maçonaria brasileira. O Grande Oriente do Brasil e a maioria dos Grandes Orientes Independentes confederados à COMAB adotam o termo "Soberano" como pronome de tratamento de seus Grão-Mestres. Já as 27 Grandes Lojas brasileiras adotam oficialmente o termo "Sereníssimo" para seus Grão-Mestres, assim como alguns poucos Grandes Orientes confederados à COMAB. Não havendo consenso no axiônimo utilizado no meio maçônico brasileiro ao se dirigir aos Grão-Mestres, inquire-se qual é a origem do uso dos termos "Soberano" e "Sereníssimo" na Maçonaria brasileira. Esse é o objetivo principal deste breve estudo.

Termo Original: *Most Worshipful*

O termo maçônico comumente utilizado para se referir a um Grão Mestre é o de "*Most Worshipful*"[3], que pode ser traduzido como "Mui Respeitável", "Mui Venerável", "Venerabilíssimo" ou mesmo o "Mais Venerável". A adoção desse termo na Maçonaria data de, pelo menos, 1721, quando Desaguliers resolve entregar o comando da Grande Loja de Londres (dos Modernos) à Nobreza, tendo sido o primeiro nobre Grão-Mestre o Duque de Montagu.[4]

Ao Duque de Montagu é creditada a solicitação para que James Anderson compilasse o Livro de Constituições, o qual seria publicado em 1723. [5] Porém, as evidências apontam que tal iniciativa partiu de Desaguliers, que serviu como Adjunto do Duque de Montagu, e quem de fato dirigia a instituição.

É fácil compreender a adoção desse termo já nos primeiros anos da primeira Grande Loja Especulativa. Se o Mestre de Loja recebe o tratamento de "*Worshipful*", ou seja, de "Venerável", não seria correto que o Grão-Mestre da Grande Loja fosse tratado como "*Most Worshipful*", ou seja, "Mui Venerável"? Um tanto quanto lógico.

Interessante observar que Grandes Lojas Estaduais brasileiras em algum momento foram influenciadas por essa nomenclatura. Sendo as Grandes Lojas dos EUA comumente chamadas de "*Most*

Worshipful Grand Lodge of...", muitas Grandes Lojas no Brasil optaram por adotar a mesma nomenclatura. Porém, traduziram "*Most Worshipful*" como "Mui Respeitável". Isso parece inicialmente um equívoco visto que, no meio maçônico, a tradução do termo inglês "*Worshipful*" para o Português sempre foi "Venerável". Porém, muitas Grandes Lojas de outros países latino-americanos já haviam optado por tradução similar do inglês para o espanhol, adotando o termo "*Muy Respetable Gran Logia...*", o que pode ter influenciado na escolha do termo a ser adotado em português.

Sereníssimo: Século XVIII

O primeiro registro que se tem do uso do termo "Sereníssimo" ao se referir a um Grão-Mestre da Maçonaria foi na França, em 1743. Com a morte do Duque de Antin, primeiro Grão-Mestre da Grande Loja da França, uma reunião emergencial de Veneráveis Mestres elegeu Louis de Bourbon, o Conde de Clermont, como Grão-Mestre.[6]

O Conde de Clermont era um príncipe de sangue, e por isso detinha o direito de receber o tratamento de "Sereníssimo", assim como os demais príncipes de sangue da França.[7] Esse direito foi devidamente observado na Grande Loja da França durante sua gestão, em que foi chamado de "Sereníssimo Grão Mestre", ou seja, um príncipe que ocupa o posto de Grão-Mestre.

Dois anos após sua morte, em 1773, a Grande Loja da França foi dividida em duas: o Grande Oriente de França e a Grande Loja de Clermont. Essa última quase não resistiu à Revolução Francesa, chegando a suspender seus trabalhos. Quando do término da Revolução, a Grande Loja de Clermont foi incorporada pelo Grande Oriente de França.[8]

Voltando ao Grande Oriente de França, que se declara sucessor da Grande Loja de França, seu primeiro Grão-Mestre foi Louis Philippe d'Orleans, Duque de Orleans e também príncipe de sangue. Logicamente que, sendo um príncipe, recebia o tratamento de "Sereníssimo" no Grande Oriente de França. O Duque de Orleans permaneceu como Grão-Mestre do Grande Oriente de França até 1793, quando fez uma declaração contra os mistérios e reuniões secretas e acabou sendo destituído de seu posto, ao qual, diga-se de passagem, nunca fez questão nem deu a mínima atenção.[9]

Porém, após 50 anos tratando os Grão-Mestres por "Sereníssimo" (1743-1793), a Maçonaria francesa passou a considerar esse axiônimo como maçônico. Nada a impedia quanto a isso, visto então estar vivendo numa República.

O termo "Sereníssimo", então consagrado na Maçonaria francesa, berço da Maçonaria latina, foi amplamente adotado pela Maçonaria de língua espanhola e portuguesa, muito mais influenciada e próxima dos maçons franceses do que dos britânicos ou dos norte-americanos. Não é por acaso que ainda é utilizado oficialmente pela Grande Loja da Bolívia, Grande Loja do Chile, Grande Loja de Cuba, Grande Loja da República Dominicana, Grande Loja Simbólica do Paraguai, etc. Isso pode ter influenciado as Grandes Lojas brasileiras que, fundadas a partir de 1927, adotaram o mesmo axiônimo.

Soberano: Século XIX

Como se sabe, em Junho de 1822 foi fundado o Grande Oriente Brasílico, o qual sucumbiu em Outubro do mesmo ano.[10] Entre Outubro e Novembro de 1831 alguns dos remanescentes desse primeiro se reúnem, "reerguendo suas colunas", no jargão maçônico, com o nome de Grande Oriente do Brasil.[11]

Importante registrar que, em 1830, no ano anterior ao referido "reerguimento", outro grupo de maçons já havia fundado um novo Grande Oriente, o Grande Oriente Brasileiro, com o objetivo de impulsionar o trabalho maçônico no país, e que foi instalado em Junho de 1831. Porém, personalidades como José Bonifácio e outros partícipes daquele primeiro Grande Oriente, de 1822, haviam ficado de fora e, aparentemente, não gostaram nem um pouco disso, partindo rapidamente para a reinstalação do Grande Oriente Brasílico, agora Grande Oriente do Brasil. Podemos dizer que essa foi a primeira divisão maçônica por vaidade ocorrida no Brasil.

É interessante observarmos que a justificativa apresentada por José Castellani e William Carvalho para a (re)instalação do Grande Oriente do Brasil ter sido posterior à instalação do Grande Oriente Brasileiro é a de que os reerguedores aguardavam "um clima mais liberal, o qual seria propício aos trabalhos maçônicos".[12] Digo interessante porque no dia 07 de Abril de 1831 Dom Pedro I abdicou do trono e nomeou José Bonifácio como tutor do príncipe regente. Isso significa que durante os meses de abril, maio, junho, julho, agosto e setembro o "clima" estava bastante "propício" para José Bonifácio, que nenhuma pressa tinha acerca da Maçonaria. É curioso observar que os líderes do mesmo movimento maçônico revolucionário de 1822, que em um curto espaço tempo reergueram uma Loja, iniciaram dezenas de membros, dividiram a Loja em três e fundaram o Grande Oriente Brasílico com o intuito de promover a independência do Brasil, que esses mesmos líderes aguardassem "um clima mais liberal" para reerguê-lo. Essas observações apenas reforçam a teoria de que a motivação foi, exclusivamente, a tão conhecida vaidade humana, impulsionada pela instalação do Grande Oriente Brasileiro, liderado por Irmãos considerados "rivais", em Junho de 1831.

Mas voltando aos axiônimos, apesar de desconhecido para muitos maçons brasileiros, o pronome de tratamento originalmente adotado pelo Grande Oriente do Brasil referente à Obediência e ao Grão-Mestre era o de "Sapientíssimo". Durante quarenta e cinco anos do Século XIX (1832-1877), o líder maior dessa obediência maçônica do país era predominantemente chamado de Sapientíssimo Grão Mestre do Sapientíssimo Grande Oriente do Brasil.[13]

O termo "predominantemente" não foi escolhido à toa. Como se sabe, desde poucos meses após sua reinstalação até 1951, o Grande Oriente do Brasil era uma obediência maçônica mista, no sentido de não separação do governo dos graus simbólicos e dos altos graus, o que era (e ainda é) considerado uma irregularidade pela comunidade maçônica internacional. Foi no dia 23 de Maio de 1951, por meio do decreto N^{o}. 1641, que o então Grão-Mestre do Grande Oriente do Brasil, Irmão Joaquim Rodrigues Neves, desfez essa irregularidade, ao promulgar a nova constituição maçônica do GOB.[14]

Entretanto, no período em que a irregularidade existiu, o Grão-Mestre acumulava o posto de Soberano Grande Comendador. Os termos corretos empregados no referido período de quarenta anos do Século XIX eram: "Sapientíssimo" para Grão-Mestre e "Mui Poderoso" para Soberano Grande Comendador. O "Mui Poderoso", apesar de largamente utilizado junto aos Soberanos Grandes Comendadores no restante do mundo, acabou entrando em desuso no Brasil, talvez pela extensão do título do cargo (Sapientíssimo Grão-Mestre e Mui Poderoso Soberano Grande Comendador. Ufa!), ou mesmo pela possível interpretação de que o cargo era de "Grande Comendador" e que o termo "Soberano" era distintivo. Por isso, durante o período, o líder maior do GOB era comumente chamado de "Sapientíssimo Grão-Mestre e Soberano Grande Comendador". Logo, com o termo "Soberano" supostamente sendo interpretado como um axiônimo, e não como parte do título, começaram as aparições da variação "Soberano Grão-Mestre e Grande Comendador". A partir de Março de 1877 o uso do termo "Soberano" passou a ser predominante.

Uma hipótese para a boa aceitação dessa mudança é o fato de que o termo "Sapientíssimo" era compartilhado por todos os membros da Alta Administração, não havendo na época um termo distintivo exclusivo para o Grão-Mestre no GOB, o que pode ter estimulado o uso do "Soberano" em detrimento desse.

COMAB: Soberano ou Sereníssimo?

Os Grandes Orientes Independentes surgiram a partir da desfiliação de dez Grandes Orientes Estaduais do Grande Oriente do Brasil, ocorrida em 27 de Maio de 1973 e liderada por Athos Vieira de Andrade, de Minas Gerais, e Danylo José Fernandes, de São Paulo.[15]

A partir de 1973, tendo como referências os termos de tratamento de "Soberano" no Grande Oriente do Brasil e "Sereníssimo" nas Grandes Lojas, os Grandes Orientes recém-libertos parecem não ter chegado a um consenso. O GOSC – Grande Oriente de Santa Catarina, por exemplo, adota o termo "Sereníssimo" desde sua fundação. Já o GOP – Grande Oriente Paulista parece ter inicialmente adotado o termo "Soberano", mas optado pelo termo "Sereníssimo" a partir de 2003. Entretanto, a maioria dos Grandes Orientes confederados à COMAB adota o termo "Soberano", herdado do Grande Oriente do Brasil, o que é logicamente natural, visto manterem a mesma nomenclatura, ritos praticados, e até, em muitos casos, a mesma estrutura administrativa, basicamente apenas se desfiliando do GOB e declarando suas soberanias.

Durante o desenvolvimento deste artigo, algumas autoridades da COMAB foram contatadas e indagadas se há alguma decisão ou recomendação da COMAB em busca de uma padronização nos modos de tratamento. A informação obtida foi de que não houve ainda alguma deliberação nesse sentido, o que parece significar que cada Grande Oriente tem total autonomia para definir o axiônimo a ser utilizado.

Considerações Finais

Este artigo não tem a intenção de dizer qual o axiônimo correto ou mais adequado a ser utilizado ao se referir a um Grão-Mestre. Isso simplesmente é impossível de ser feito na Maçonaria, especialmente na Maçonaria Latina. Se nem mesmo nos Estados Unidos, em que as Grandes Lojas costumam chegar a um consenso, não há unanimidade no assunto, por que esperar isso no Brasil, cuja Maçonaria regular tem três distintas vertentes e pratica oito diferentes ritos?

Por conta dessa Maçonaria "cosmopolita" praticada no Brasil, não há que se dizer em certo e errado. O que se pode fazer, ou melhor, o que é dever de todo maçom, é buscar a verdade, ou seja, pesquisar e identificar a real origem e razão daquela ação ou interpretação, buscando compreender o contexto de sua ocorrência. E isso sem qualquer julgamento de mérito.

O objetivo deste artigo é simples e creio que foi alcançado. Se "Sereníssimo" ou "Soberano", pouco importa. São apenas "elogios oficiais", como, por exemplo, "Excelentíssimo" para as principais autoridades civis ou "Magnífico" para Reitores de Universidades. No entanto, um maçom, pela própria natureza da instituição, não deveria pronunciar ou escrever quase que diariamente um termo maçônico sem nem ao menos querer saber seu significado, sua origem, sua adoção. Seria o mesmo que dizer palavras que não se sabe o significado no meio de frases em conversas na rua. Algo, no mínimo, bizarro.

[1] Dicionário Online Priberam de Língua Portuguesa.
[2] Dicionários Priberam e Michaelis.
[3] Termo adotado em todas as Grandes Lojas dos EUA, com exceção a Grande Loja da Pensilvânia, que se refere ao Grão-Mestre como "Right Worshipful".
[4] HARRIS, Eileen. Batty Langley: A Tutor to Freemasons (1696-1751). The Burlington Magazine, Vol. 119, No. 890, 1977, pp. 327-335.
[5] LYTTLE, Charles H. Historical Bases of Rome's Conflict with Freemasonry. Church History, Vol. 9, Issue 01, 1940, pp. 3-23.
[6] CUMMING, I. Freemasonry and Education in Eighteenth Century France. *History of Education Journal*, Vol. 5, N. 4, 1954, pp. 118-123.
[7] OSBORNE, T. Language and sovereignty: titles of address and the royal edict of 1632., Working Paper. Durham: Durham Research Online (DRO), 2013.
[8] COIL, Henry Wilson & BROWN, William Moseley. Coil's Masonic Encyclopedia. New York: Ed. Macoy, 1961.
[9] COIL, Henry Wilson & BROWN, William Moseley. Coil's Masonic Encyclopedia. New York: Ed. Macoy, 1961.
[10] BARATA, A. M. E é certo que os homens se convencem mais pela experiência do que pela teoria: cultura política e sociabilidade maçônica no mundo luso-brasileiro (1790-1822). *REHMLAC*, Vol. 3, Nº 1, 2011.
[11] AZEVEDO, C. M. M. Maçonaria: História e Historiografia. Revista USP, São Paulo, No. 32, 1996, p. 178-189.
[12] CASTELLANI, J.; CARVALHO, W. História do Grande Oriente do Brasil – A Maçonaria na História do Brasil. São Paulo: Madras Editora, 2009.
[13] Baseado em análise de conteúdo dos Boletins do Século XIX do Grande Oriente do Brasil disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional.
[14] CASTELLANI, J. Fragmentos da Pedra Bruta. Londrina: Editora A Trolha, 2001.
[15] SOBRINHO, Octacílio Schüler. Uma Luz na História: o sentido e a formação da COMAB. Florianópolis: Ed. O PRUMO, 1998.